

A CRISE AMERICANA E A EUROPA

por Mário Soares

A opinião pública europeia já percebeu há muito que os Estados Unidos, depois da crise hipotecária de alto risco (sub-prime), da queda do dólar, do descomunal déficit externo, do aumento do desemprego e da desconfiança reinante, mesmo entre os agentes económicos, está a entrar em plena recessão. Os economistas e os banqueiros - e alguns políticos - para não alarmar, clientes ou eleitores, não gostam de usar a palavra recessão. Falam em "desaceleração gravíssima", o que vem a dar no mesmo. Alan Greenspan que, desde que deixou de ser Presidente da Reserva Federal, perdeu a antiga contenção e ficou sem papas na língua, classifica a situação actual como "a mais grave crise, desde a II Guerra Mundial". E é. Não tenhamos dúvidas!

As bolsas europeias - e mesmo as asiáticas - estão a ressentir-se fortemente. E não é preciso ser profeta para prever que - apesar da subida do euro - a recessão, porventura menos grave do que a americana, também vai chegar à União Europeia. Com o preço do petróleo a subir a 110 dólares o barril, o aumento em flecha do preço dos cereais e a procura de ouro e de outros minerais preciosos, parece ser inevitável que assim suceda.

Depois do sinal da compra do Bear Stears, ao desbarato, pelo banco J.P. Morgan as bolsas de todo o mundo estremeceram e o Fundo Monetário Internacional (FMI), com o atraso que lhe é habitual, veio reconhecer que afinal e cito - "a situação é muito mais séria e global do que parecia"... Parecia a quem? Só se for aos distraídos ou aos que nos querem deitar poeira nos olhos...

Os países da União Europeia não vão bem, convenhamos. Há descontentamento, crispação, o custo de vida a subir - em toda a parte - o desemprego a crescer, insegurança, falta de rumo claro, o impasse institucional que, apesar do Tratado de Lisboa ter sido subscrito pelos 27 Estados Membros, ainda não está resolvido. Há ratificações que se afiguram bastante problemáticas. Veremos...

Entretanto, nem só tem havido notícias más. As duas últimas eleições europeias, em Espanha (legislativas) e em França (municipais) correram francamente bem para a Esquerda. O que foi - para a União - um sinal político importante: os eleitorados parecem querer mudar de rumo.

Como português, ibérico e europeu, respirei de alívio, confesso, quando no Domingo, 9 de Março, vi, pela TVE, que o PSOE e Rodriguez Zapatero tinham ganho as eleições e subido significativamente, apesar da bolha imobiliária, da economia começar a dar sinais de um certo mal-estar e, sobretudo, da campanha descarada da Igreja Católica - talvez a mais reaccionária da Europa - em favor do PP. Desceu à rua, o que num país laico representa um precedente gravíssimo e intolerável e permitiu-se promover uma campanha agressiva, ao antigo estilo ultra-nacionalista, que fez lembrar os ominosos tempos da luta contra a II República e a cruenta "guerra civil". No momento em que a ETA perdeu, por completo, a cabeça e se converteu, infelizmente, à política do "quanto pior, melhor": o que, pior do que um erro, foi um crime.

A tudo resistiu Zapatero, com o seu equilíbrio, serenidade, inteligência política, coragem e sentido dos consensos necessários a uma Espanha plural. É caso para lhe tirar o chapéu e dizer: parabéns! Tendo, sobretudo, em conta que o eleitorado espanhol com a sua participação massiva - em total normalidade - deu à Europa uma grande lição de maturidade cívica.

Os próximos quatro anos não vão ser fáceis, nem para Espanha, nem para a Europa, nem para o Mundo. Mas há um vento de renovação - e de ruptura com as políticas do passado - que, espero, venha a soprar da América, com as eleições presidenciais de Novembro próximo. A opinião pública europeia dá sinais de compreender que estão a surgir ventos de mudança...

Foi também o caso das eleições municipais francesas. O voto do eleitorado francês foi um aviso claríssimo para o errático e exibicionista Presidente francês, Nicolas Sarkozy. A França, com o seu espírito cartesiano, não aceita de bom grado o irracionalismo e a inconsequência mundana do seu Presidente. A vitória dada à Esquerda Socialista - tanto em número de votos como nas grandes cidades, à excepção de Marselha - abre a porta para a renovação do velho partido de Léon Blum e de François Mitterrand, que deverá ter lugar já no próximo Congresso.

A derrota do centrista François Bayrou - que aliás é um político aberto e sério - mostra que a hora não é propícia ao centrismo. O pêndulo político andou demasiado para a Direita, na América e na Europa, e agora é tempo de voltar à Esquerda. Não ao Centro. Walter Veltroni, o antigo líder socialista italiano que formou o Movimento Centrista, que se cuide. Não vá, com o oportunismo centrista, abrir a porta à Direita e entregar de novo o poder a Berlusconi...

Aliás, foi esse equilíbrio que percebeu o primeiro ministro francês, François Fillon, incomparavelmente mais sagaz do que Sarkozy, quando advertiu, após as eleições, que "é preciso prosseguir as reformas e mesmo acelerá-las". Mas no actual contexto francês, tão complexo - e com o Presidente que tem - será possível fazê-las?

Lisboa, 19 de Março de 2008